Zélio Fernandino de Moraes nasceu em 10 de abril de 1891, no distrito de Neves, município de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Aos 17 anos, quando se preparava para servir às Forças Armadas, ocorreu um fato curioso: ele começou a falar com um sotaque diferente, em tom manso, parecendo um senhor de idade avançada. A princípio, a família achou que estivesse apresentando algum distúrbio mental, e então o encaminhou aos cuidados do tio, Epaminondas de Moraes, psiquiatra e diretor do Hospício de Vargem Grande. Mas, não tendo sido encontrado em nenhuma literatura médica os sintomas apresentados pelo rapaz, o médico sugeriu que o encaminhassem a um padre para que fosse realizado um ritual de exorcismo, pois desconfiava que o sobrinho estivesse possuído pelo demônio. A família procurou então um padre, que, mesmo tendo realizado o ritual de exorcismo, não conseguiu nenhum resultado. Novamente, em fins de 1908, os familiares foram surpreendidos por uma ocorrência que tomou aspectos sobrenaturais: o jovem Zélio, agora acometido por estranha paralisia, a qual os médicos não conseguiam debelar, ergueu-se certo dia do leito e declarou: "Amanhã estarei curado". No dia seguinte, começou a andar como se nada tivesse acontecido. Nenhum médico soube explicar como ocorrera a recuperação. Dona Leonor de Moraes, resolveu levar o filho a uma curandeira chamada Cândida, figura conhecida em Niterói, e que incorporava o espírito de um preto Velho chamado Tio Antônio. A entidade atendeu o rapaz e disse que ele já tinha desenvolvido o fenômeno da mediunidade, e que, portanto, deveria trabalhar na caridade. O pai de Zélio, Joaqulin Fernandino Costa, apesar de não freqüentar nenhum centro espírita, era adepto do espiritismo e tinha o hábito de ler livros espíritas. Em 15 de novembro de 1908, por sugestão de um amigo, levou Zélio à Federação Espírita de Niterói. Convidados por José de Souza, dirigente da instituição, para participar da sessão, ambos sentaram-se à mesa, e em seguida, contrariando as normas do trabalho, Zélio levantou-se e disse: "Aqui está faltando uma flor". Dirigiu-se ao jardim, apanhou uma rosa branca e colocou-a no centro da mesa. Iniciou-se então uma estranha confusão no local: ele incorporou uma entidade e, simultaneamente, diversos

médiuns também apresentaram incorporações de caboclos e pretos velhos. Advertida pelo dirigente do trabalho, a entidade incorporada no rapaz perguntou: "Por que repelem a presença desses espíritos, se nem sequer se dignaram a ouvir suas mensagens? Será por suas origens sociais, ou em decorrência de sua cor?". Novamente uma força estranha dominou o jovem Zélio, e ele continuou a falar, sem saber o que dizia; ouvia apenas sua própria voz perguntar o motivo que levava os dirigentes dos trabalhos a não aceitarem a comunicação daqueles espíritos e se os consideravam atrasados apenas por suas encarnações anteriores. Seguiu-se um diálogo acalorado, e, embora o espírito desconhecido desenvolvesse uma argumentação segura, os responsáveis pela sessão procuravam doutriná-lo e afastá-lo. "Por que o irmão fala nesses termos, pretendendo que a direção aceite a manifestação de espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram quando encarnados, são claramente atrasados? Por que fala desse modo, se estou vendo

que me dirijo neste momento a um jesuíta [1], cuja veste branca reflete uma aura de luz? Qual é o seu nome, irmão?"

O espírito desconhecido respondeu então: "Se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã (16 de novembro) estarei na casa de meu aparelho para dar início a um culto em que esses irmãos poderão transmitir suas mensagens, e, desse modo, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque para mim não haverá caminhos fechados". O vidente retrucou com ironia: "Julga o irmão que alguém irá assistir ao seu culto?". Ao que o espírito respondeu: "Cada colina de Niterói atuará como porta-voz, anunciando o culto que amanhã darei inicio". No dia seguinte, na casa da família Moraes, à rua Floriano Peixoto, número 30, às 20 horas, estavam reunidos os membros da Federação Espírita para comprovar a veracidade do que fora declarado na véspera. Parentes próximos, amigos e vizinhos também se fizeram presentes, e, do lado de fora, uma multidão de desconhecidos. Foi então que o Caboclo das Sete Encruzilhadas manifestou-se e declarou que naquele momento se iniciava um novo culto, com a participação de espíritos de velhos africanos escravos que, desencarnados, não encontravam campo de atuação nos remanescentes das seitas negras, deturpadas e totalmente dirigidas a trabalhos de feitiçaria, além de índios nativos de nosso território que trabalham em benefício de seus irmãos encarnados, independentemente de cor, raça, credo ou condição social. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria portanto a característica principal do culto, que teria por base o Evangelho de Jesus, cujas normas o caboclo então estabeleceu. Dentre elas, as de que nas sessões diárias (assim seriam chamados os períodos de trabalho espiritual), das 20 às 22 horas, os participantes estariam uniformizados, todos de branco, e o atendimento seria gratuito, e que o nome do movimento religioso seria umbanda, que significa "manifestação do espírito para a caridade".

Fonte: **A MISSÃO DA UMBANDA - Obra mediúnica inspirada pelo espírito Ramatís ao médium Norberto Peixoto**